

AUTENTICIDADE, ANGÚSTIA E DECADÊNCIA EM MARTIN HEIDEGGER

GOLIN, Monique Francine

e-mail: monilyn@hotmail.com

PEREIRA, Claudia Carolina

e-mail: atrevidas_cla@hotmail.com

PIVETA, Caio Cesar Atallah de Castro

e-mail: caiopiveta@yahoo.com.br

Acadêmicos do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça FAEF-FASU.

BERVIQUE, Janete de Aguirre

Orientadora

Docente do Curso de Psicologia – FAEF/FASU

e-mail: janetegestalt@uol.com.br

RESUMO

Este artigo tem como tema; o pensamento de Heidegger, destacando a liberdade e capacidade de vida autêntica; o ser-no-mundo e sua existencialidade; a sua antecipação de suas possibilidades, destacando a relação existente entre Autenticidade, Angústia e Decadência do homem lançado ao mundo.

Palavras-chave: ser-no-mundo, existencialidade, antecipação de suas possibilidades.

ABSTRACT

This article focuses on the thought of Heidegger, emphasizing freedom and ability to authenticate the life being in the world, and his existentialism, his anticipation of its potential, highlighting the relationship between Authenticity, Anxiety and Fall of Man released the..world.

Keywords: being in the world, existentialism and anticipation of its potential

1- INTRODUÇÃO

O pensamento de Heidegger, principal representante alemão da Filosofia Existencial, é o problema do sentido do ser. Heidegger aborda a questão tomando como exemplo o ser humano, que se caracteriza precisamente por se interrogar a esse respeito. O homem está especialmente mediado por seu passado: o ser do homem é um "ser que caminha para a morte" e sua relação com o mundo se concretiza a partir dos conceitos de preocupação, angústia, conhecimento e complexo de culpa. O homem deve tentar "saltar", fugindo de sua condição cotidiana para atingir seu verdadeiro "eu". As bases de sua Filosofia Existencial foram expostas em 1927, na obra

inacabada *O ser e o tempo*, publicada em Marburgo, que o tornou célebre fora dos meios universitários (NUNES, 2002).

Heidegger, por ser um pensador de profundas definições sobre homem, as quais visam a elucidar de modo explícito quem é este ente especial que existe em comum sobre a terra com outros seres, sejam estes homens, ou outros “simples” entes. Considera o homem como um ser-no-mundo, que se caracteriza mais propriamente como um ser-para-a-morte. Para fugir de si e de sua própria morte o homem decai no mundo, misturando-se e tornando-se um com ele do conceito heideggeriano de homem, que ele nomeou como Dasein (pre-sença ou ser-aí, ser-no-mundo, ser-com-outros), ao qual se interligam as noções de angústia, liberdade, autenticidade e inautenticidade. Tendo como fonte a sua Fenomenologia Existencial, procuraremos dar foco especial à noção de liberdade, que para esse pensador é fator essencial ao homem - um ser livre e capaz de vida autêntica, imerso em meio à sociedade e preocupado com a construção do mundo à sua volta. Sem essa liberdade tornar-se-ia impossível qualquer realização humana e uma existência repleta de sentido (GILES, 1975).

Em seu aspecto cotidiano, a vida humana se apresenta como uma forma inautêntica de existência, marcada por três características: a faticidade, a existencialidade e a decadência. O cotidiano como faticidade manifesta o homem como ser-no-mundo, jogado no mundo, poderíamos dizer, sem que isso tenha sido uma escolha sua. A existencialidade é um aspecto do cotidiano que manifesta o ser humano como sendo uma antecipação de suas possibilidades, objetivação daquilo que ainda não é. Finalmente, o ser humano se manifesta como um ser decaído, pois as preocupações cotidianas da existência inautêntica o desviam do seu projeto essencial, alienando-o da tarefa principal de tornar-se ele-mesmo. “A decadência dissimula e recalca existencialmente a autenticidade do ser-si-mesmo”, mas, ao ocultá-la também a revela. A característica do ser-aí é fugir diante de si. No entanto, é justamente porque “o ser-aí é ontologicamente e existencialmente defrontado consigo mesmo, por meio de uma revelação da qual não pode se separar, que ele pode fugir diante de si” (BICCA, 1997, p.232).

A análise do cotidiano e do *dasein*, como forma de existência inautêntica, levam Heidegger a concluir que o homem é um ser marcado pela angústia, que, por sua vez, provoca uma espécie de “aversão” diante de um ser percebido como ausência. “A aversão constitutiva da decadência se funda na angústia” (NOGUEIRA,1976,p.259).

Heidegger observa que a angústia é geralmente percebida como um sentimento parecido com o medo diante de algo ameaçador. No entanto, o que é percebido como ausente na experiência da decadência, não pertence à realidade como dada (*da-sein*), portanto a angústia, neste caso, não é parecida com o medo. O que determina a angústia é simplesmente o fato de o homem se perceber como *ser-no-mundo*. Trata-se de um sentimento que, para Heidegger, não tem uma razão específica, simplesmente se manifesta como se o mundo perdesse o seu sentido. Ao mesmo tempo, este ser é percebido também como aquele ao qual o *ser-aí*, como *ser-no-mundo*, é entregue. O mundo é assim experimentado como algo que aponta para o nada. “O que angustia a angústia manifesta um ‘nada que está em lugar algum’” (NOGUEIRA,1976,p.248). A experiência do nada faz com que o homem se sinta essencialmente um *ser-para-a-morte*.

Diante disso, apresentam-se duas opções,a fuga e o fechamento na existência inautêntica, ou a tentativa de transcender, procurando atribuir um sentido ao ser; a angústia traz a possibilidade duma revelação privilegiada, isto porque a angústia isola. Este isolamento retira o *ser-aí* de sua decadência e torna manifestas para ele a autenticidade e inautenticidade como possibilidades do seu ser.O conhecimento do pensamento de Heidegger deve ajudar-nos a compreender, a interrogar e a criticar a nossa própria existência (VATTIMO,1996).

O objetivo do nosso trabalho é apresentar o pensamento de Martin Heidegger como um subsídio teórico, no que diz respeito à liberdade, em especial no que tange à liberdade de escolha existencial, ainda mais se tais escolhas colocam em xeque a própria existência e sua identidade fundamental.

Quanto à metodologia, ficará restrito à pesquisa bibliográfica, em alguns autores.

2. RELAÇÕES ENTRE AUTENTICIDADE, ANGÚSTIA E DECADÊNCIA

Nesta parte principal deste artigo, discutiremos os três conceitos no título e as possíveis relações entre eles.

2.1 Autenticidade

A apropriação revela-se como uma forma autêntica de viver, embora não seja contínua, ela é a base da abertura do Ser a uma vida mais completa de sentido e responsabilidade. Tal conceito apresenta a singularização da existência, isto é, embora o Ser-aí seja Ser-com ele é Ser dotado de consciência e capacidade de comunicação, expressa por sua linguagem, bem como pela capacidade de angustiar-se; isto é, de confrontar-se com o nada que possibilita o Ser em sua autenticidade e pela disposição de tornar a vida sempre consciente de seu encargo de ser-mais (ARVON, 1978).

A autenticidade é a singularização da existência, isto é, é a apropriação de si, é a tomada de consciência do Ser-aí, é a sua real abertura às mais diversas possibilidades. É o momento da compreensão mais profunda em que o Ser-aí se abre ao mundo e se relaciona concretamente com as coisas. A inautenticidade, por sua vez, é marcada por aquele falatório infundado em que nunca há um aprofundamento do que fora dito; diferentemente, este modo autêntico tem outro sentido: o de apropriar-se das coisas com as quais se relaciona. É o falar somente do que se conhece, o que transcende a relação sujeito-objeto, mas alcança um nível mais profundo, o da inclusão no projeto de vida, de existência, de Ser-mais (BICCA, 1997).

Aqui não se trata de uma discussão moral, porém, Heidegger quer pontuar que a autenticidade, que é incausada, é geradora de sentido e responsabilidade; que fique claro, porém, que a autenticidade ou a propriedade não é algo que está para além da realidade ou do cotidiano, absolutamente. Ela representa uma forma modificada de ver a existência e, os aspectos ônticos e existêntivos.

Não cabe, pois, fazer uma análise para ver qual das duas formas de vida é a mais originária, o que se sabe é que: “ o modo originário, que torna

possível pelo menos o originário, é o projeto da existência autêntica. (ABBAGNANO, N.1982)

Tal projeto de vida dá significado à existência, pois permite, em última análise, uma experiência hermenêutica do Ser, no sentido de relação e apropriação. Neste sentido, aparece outra característica do Ser-aí, a responsabilidade. Ela é manifestada na disposição do cuidado. É o estar-junto que possibilita novas descobertas de existência, em que somente se cuida daquilo que se conhece ou do que se gosta.

O cuidado, assim visto, aparece como forma constitutiva do Ser Humano, porque humano, caracteriza-se essencialmente como um ser de cuidado. Numa palavra, o cuidado revela-se como a priori, antes de toda atitude e situação humana, e nelas se encontra de fato (SAFRANSKY,2005).

Para falar do cuidado, Heidegger apresenta uma famosa fábula, a número 220 de Higino (43 a.C., -17 a. C.), escravo liberto de César Augusto, seu bibliotecário e filósofo:

Certo dia, passeando nas margens do rio, tomou um pedaço de barro e moldou-o na forma do ser humano. Nisso apareceu Júpiter e, a pedido de Cuidado, insuflou-lhe o espírito.

Cuidado quis dar-lhe um nome, mas Júpiter lho proibiu, querendo ele impor o nome. Começou uma discussão entre ambos.

Nisso apareceu a Terra, alegando que o barro é parte de seu corpo e que, por isso, tinha o direito de escolher um nome.

Gerou-se uma discussão generalizada e sem solução.

Então todos aceitaram chamar Saturno, o velho deus ancestral e senhor do tempo, para ser o árbitro. Este tomou a seguinte sentença, considerada justa:

— Você, Júpiter, que lhe deu o espírito, receberá o espírito de volta quando essa criatura morrer. Você, Terra, que lhe forneceu o corpo, receberá o corpo de volta, quando essa criatura morrer. E você, Cuidado, que foi o primeiro a moldar a criatura, acompanhá-la-á por todo o tempo em que ela viver.

E, como vocês não chegaram a nenhum consenso sobre o nome, decido eu: chamar-se-á Homem, que vem de húmus, que significa “terra fértil” (VAT TIMO,1996p.138).

Esta fábula trata, em simples análise, da própria constituição do Ser, a saber, o Cuidado, isto é, a responsabilidade heideggeriana. Quando se tem consciência da vida e, com ela, das contingências, limites e possibilidades, o ser humano efetiva tal potencialidade, a de ser Ser-de-cuidado. Numa palavra,

o cuidado é o a priori do Ser, sem o qual o ser humano não existiria, porque está em sua raiz ontológica.

Todavia, assim como a inautenticidade, o estado de vida autêntico não se escolhe arbitrariamente. Ele é possibilitado por certos lampejos da consciência que se deixa questionar frente à proposta infrutífera da contemporaneidade morta. Mesmo o Dasein, sem posse desta consciência, alguns são os aspectos possibilitadores da autenticidade: a Angústia e a Arte (SAFRANSKY,2005).

2.2 Angústia

O fenômeno da angústia, dentro do pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), se manifesta como uma possibilidade original de desvelamento do homem em seu ser. Ser que está continuamente se fazendo no mundo e que, portanto, não é nada de substancial. Pensado em sua radicalidade, o ser do homem (ou do Dasein) é um projeto à medida que está sempre projetado no mundo desde o qual deve vir a se realizar. Por sua vez, o mundo nada mais é do que as diferentes possibilidades de ser desse homem (ser junto às coisas, ser com os outros e ser em função de si mesmo). Sendo assim compreendido, o ser do homem e do mundo é um só e mesmo ser, que considerado em si mesmo, é nada à medida que tal ser precisa continuamente ser realizado, concretizado num fazer (SAFRANSKY,2005).

O autor de *Ser e tempo* afirma que a angústia está em lugar nenhum. “Em lugar nenhum”, por outro lado, não significa um nada negativo. A angústia se angustia com o “nada” que não está em parte alguma, com o mundo, ou melhor, com nossa condição de ser-no mundo (NUNES, 2002).

Por tal motivo, Heidegger fala de não criarmos laços afetivos com os entes que estão no interior do mundo pelo fato desses perderem seu significado para o homem, à medida que o nada se anuncia como parte que integra o próprio ser da pre-sença; pois, na angústia ficamos suspensos nesse nada, que fundamenta uma perda de sentido total dos entes ao nosso redor caracterizando a insignificância desses. Dessa forma nos tornamo-nos estranhos a nós mesmos e estranhos em relação aos entes que nos circundam.

Heidegger considera que:

“Como a angústia já sempre determinada, de forma latente, o ser-no-mundo, este, enquanto ser que vem ao encontro na ocupação junto ao ‘mundo’, pode sentir temor. Temor é angústia imprópria, entregue à de-cadência do ‘mundo’ e, como tal, angústia nela mesma velada” (HEIDEGGER, 2006.p 165).

2.3 Decadência

No modo inautêntico, o existente vê-se decaído do ser (compreendido como pura dinâmica de constituição). O mundo no qual ele se vê lançado apresenta-se como algo já pronto e acabado; a ele, existente, só é dado a possibilidade de repetir o feito.

Não obstante, essa de-cadência sobre a qual o pensador alemão se propõe refletir (notadamente na obra *Ser e Tempo*, 1927) não é interpretada como um fenômeno negativo. O termo de-cadência indica que a pre-sença está junto e no mundo das ocupações, no modo de um constante estado de interação e ocupação junto às coisas que lhe vêm ao encontro no mundo. Sendo assim, a de-cadência se caracteriza como uma atitude fundamental de ser no cotidiano –cujo sujeito desse mesmo cotidiano se revela como o impessoal (NUNES, 2002).

Heidegger não interpreta, contudo, de-cadência como “queda” de um estado original do ser para outro estado “menos original”, por entender que o ser não permite esse tipo de interpretação. O homem é, está no ser e não pode sair (cair) dessa existência para um outro estado de coisas. Quando Heidegger fala da de-cadência do Dasein está se referindo ao modo mais imediato como o homem interpreta (se apropria) das suas possibilidades de ser (NUNES, 2002).

Mas, onde reside à diferença entre de-cadência e queda? A de-cadência do Dasein se exprime na sua possibilidade de abertura na qual esse está intimamente relacionado com o mundo. A de-cadência é o estar-lançado no íntimo de si mesmo, na peculiaridade de nossa própria existência na sua mais intrínseca relação com o mundo. Segundo Heidegger, se queda fosse o termo compreendido para tal situação, poderia muito facilmente ser interpretada como uma disposição simplesmente jogada ou mesmo doada ao homem, por que, o Dasein não “cai” de um estado mais original para outro menos original. Isso não ocorre de forma alguma, e não há razão para ser

assim. Ela – a de-cadência – é uma determinação existencial do Dasein, não estando ligado a ele como “alguma coisa” doada pura e simplesmente (GILES,1975).

Dessa maneira, não há uma possibilidade de fugir dessa situação. No entanto, isso se deve ao fato de convivermos com outro Dasein e com os demais seres intramundanos – ou seja, seres que nos vêm ao encontro dentro do mundo. Estamos sempre lançados no mundo compartilhado, já sempre de imediato e, na maioria das vezes, decaídos no mundo das ocupações. Mesmo quando estamos, por exemplo, sem “nenhuma ocupação”, Heidegger afirma que estamos na ocupação de não estarmos fazendo nada. O Dasein é aquilo a partir de que se ocupa. Assim, fica evidente que realmente não existem maneiras de se esquivar de nossa situação de existente, pois estamos compartilhando e nos ocupando a todo o momento como vários outros entes; não existindo, portanto, possibilidade do ser se esgotar nessa ou naquela ocupação. Sendo suas próprias possibilidades, o ser-no-mundo enquanto existente (tomando a existência como disposição) torna-se aberto para o mundo. Nessa disposição, o mundo se abre e se revela já sempre no modo como nos ocupamos com o ser das coisas, dos outros e do nosso próprio ser (ABBAGNANO,1982).

É nesse abrir-se que a pre-sença se faz em meio à de-cadência, pois o Dasein, sempre “cai” de si mesmo e “de-cai” no mundo. Cair de si mesmo significa dizer que o ser da presença se torna projeto à medida que está lançado em seu fazer-se no mundo; e de-cair no mundo, por sua vez, diz que o Dasein compartilha o mesmo modo de ser, ou seja, o próprio mundo, com os outros (Dasein). Esse fenômeno ocorre pela determinação da convivência - à qual está intimamente relacionada com o fenômeno do falatório.

A culpa é o fundamento ontológico do homem decadente, obviamente, ela é o fundamento dos momentos de queda e de falta do ser-aí fático. A culpa é o fundamento da decadência na medida em que a falta inerente à noção de queda do ser-aí fático for tomada como uma determinação ontológica e existencial do homem (ARVON,1978).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Heidegger introduz o leitor na beleza e na magnanimidade de sua filosofia. Realmente, o pensador preocupava-se com o Ser Humano e com a sua forma de ser e de estar no mundo. Para ele, a existência é a própria essência do Ser Humano, o que implica dizer que o Homem, para bem viver a sua humanidade, precisa, sem discussão, saber como existir.

Cada vez que conseguirmos entender a ótica da possibilidade, conseguiremos, com ela, adentrar no pensamento do Ser Humano, pois passaremos a vê-lo como sujeito mergulhado em uma contingência sadia que o projeta a ser-mais, a viver poeticamente o hoje da vida, a preocupar-se com questões necessárias, numa, a lutar constantemente contra a Roda Viva, que demite os homens e as mulheres da vida, sem dar-lhes satisfação.

No tocante ao pensamento heideggeriano, podemos compreender a relevância da liberdade na construção do verdadeiro “eu”, como um ser-no-mundo único, plenamente capaz de edificar e rever, sendo sua vontade, o seu modo de ser existente, especialmente em um mundo contemporâneo marcado pelos ditames e necessidades do mercado globalizado e voraz; que não permite a individualidade das pessoas, mas que deseja a massificação e o nivelamento, tão desejado por aqueles que visam a ampliar os seus mercados produtores, que criam novos valores e modismos, que instigam o consumismo e o sistema capitalista no seu todo, que não pensam no cuidado humano e seus valores, mas apenas na conquista de novos espaços comerciais.

Concluí-mos assim, nesse estudo a respeito do fenômeno da angústia e seus modos de desvelar-se ao homem no mundo, que tal sentimento se torna peculiar e raro, pois no seu interpretar-se, na mais íntima solidão do homem, ela nos retira da de-cadência existencial, da possibilidade de de-cair de nós mesmos no mundo. Estamos abertos à interpretação do ser – ser com os outros, ser com as coisas e ser consigo mesmo – e do mundo por essa via, e no ato de nos compreendermos, fazemo-nos Dasein.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ARVON, H. **A Filosofia alemã: a filosofia existencialista**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

BICCA, L. Ipseidade, angústia e autenticidade. **Revista Síntese**, Belo Horizonte, v. 87, n. 24 (76), 1997.

GILES, T. R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo. EPU:USP, 1975.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1993. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2006.

Que é metafísica? Trad. bras. de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Col. Os Pensadores).

NOGUEIRA, J. C. Heidegger ou os novos caminhos da Filosofia. Campinas: **Revista Reflexão**. v. I, nº 03, set.1976.

NUNES, B. **Heidegger & Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. Passagem para o poético. São Paulo: Ática, 1986.

SAFRANSKY, R. **Heidegger, um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal**. Trad.Lett Luft. São Paulo: Geração, 2005.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**.Col. Pensamento e Filosofia. Trad. João Gama. 10ª. ed. São Paulo: Ed. Instituto Piaget. 1996.